

2º DOMINGO DE PÁSCOA

7 DE ABRIL DE 2024

JOÃO 20.19-31

O Salmo 148 é um hino, em que toda a criação é convidada a louvar a Deus. Movendo-se dos céus para a terra, este salmo cataloga toda a extensão da ordem criada, desde os anjos até as crianças, desde as estrelas até os flocos de neve. Pois, o louvor da criação culmina com o louvor do povo redimido de Deus. Assim, o Salmo 148 mostra a magnitude do louvor devido a Deus.

Em Atos 4.32-35, Lucas descreve como era a vida dos seguidores de Jesus em Jerusalém. Eram um grupo dirigido pelo Espírito de Deus (cf.: At 4.31), onde todos tinham um amor especial uns pelos outros (At 4.32,34). “Os apóstolos davam testemunho da ressurreição do Senhor Jesus” (At 4.33), pois eles tinham o visto depois que Ele ressuscitou.

Em sua primeira epístola, João escreve em nome dos apóstolos - primeiros seguidores de Jesus. Eles foram as testemunhas que acompanharam Jesus, viram e ouviram o que Ele fez e ensinou. Repetidas vezes, o autor afirma que eles, de fato, viram e ouviram Jesus e tocaram nele - inclusive, após a ressurreição.

No Evangelho segundo São João 20.19ss, os discípulos estavam em uma casa com as portas trancadas, “com medo dos judeus” (S. Jo 20.19) quando, de forma inesperada, Jesus aparece (*surgiu do nada*) no meio deles. A aparição de Jesus dentro de uma casa trancada, revelam um dos atributos da natureza divina de Jesus. Porém, Jesus ainda possui o seu corpo em seu corpo, as marcas da cruz (*mãos e pés perfurados e o lado transpassado*). Na ocasião da primeira aparição, Tomé não estava presente.

Salmo 148

O Salmo 148 é o terceiro dos, assim chamados, salmos de aleluia (146 - 150). Este salmo é um hino de louvor, em que todas as coisas e todas as criaturas são

convidadas a louvar a Deus. O convite é para todos os seres celestiais (vs. 1-6); para a natureza e para os animais (vs. 7-12); e para as pessoas de todos os povos (vs. 13-14), especialmente de Israel.

O salmo 148 se divide em duas partes:

148.1-6 (*Louvem o SENHOR dos céus*) - Todas as criaturas nos céus são conclamadas a louvar o SENHOR Deus. Este chamado é para “todos os seus anjos” (vs. 2) e se estende ao “sol e lua; todas as estrelas luzentes” (vs. 3) aos “céus dos céus e as águas que estão acima do firmamento” (vs. 4). Nenhuma parte do céu fica isenta de dar-lhe louvores. E a motivação para o louvor é o modo decisivo como foram criados, “pois ele [Deus] falou, e tudo se fez; ele ordenou, e tudo passou a existir” (SI 33.9). Ele trouxe todas as coisas à existência, e as pôs em seu lugar.

Não somente nos tempos do Antigo Testamento, como também na era cristã, os homens têm sido tentados a adorarem aos anjos (Cl 2:18), que são nossos conservos (Ap 22:8-9), e a tratarem as estrelas como árbitros do destino! O salmo afasta para longe semelhante estultícia com dois gestos: primeiramente, com sua convocação a toda esta hoste celestial, animada e inanimada, a louvar ao Senhor e, em segundo lugar, com a lembrança de que eles, como nós, foram criados com uma palavra.

148.7-12 (*Louvem o SENHOR desde a terra e mares*) - Após, o Salmo 148 convida as criaturas sob os céus - “monstros marinhos, fogo e granizo, neve e vapor, montes e árvores frutíferas, feras e todo o gado, animais que rastejam e aves, reis e príncipes, rapazes e moças, velhos e crianças” (vs. 7-12) - a louvarem o SENHOR. Todas essas criaturas devem oferecer seu louvor de acordo com sua natureza, pois para isso foram criadas; da mesma forma, toda a humanidade, com “todos os povos” e grupos de todas as idades.

148.13-14 (*Que todos os povos louvem o SENHOR que exaltou ao seu povo*) - Toda a humanidade é convocada a louvar o SENHOR (*esse é um tema recorrente nos salmos*), “porque só o seu nome é excelso; a sua majestade está acima da terra e do céu” (vs. 13). É um grande privilégio para Israel, ser o “povo que lhe é

chegado” (vs. 14). Por meio do povo de Israel, Deus operou maravilhas para trazer “o louvor de todos os seus santos” (vs. 14).

Neste Salmo, a criação é testemunha do poder e perícia de Deus, “porque só o seu nome é excelso; a sua majestade está acima da terra e do céu” (vs. 13). Quando a criação é considerada, tomam-se evidentes “o seu eterno poder e a sua divindade” (Rm 1.20), e assim seu nome é exaltado.

Atos 4.32-35

Lucas descreve como: “A igreja cristã continua a crescer unida sob o ministério dos apóstolos e sob a orientação do Espírito Santo”.

Lucas descreve, também, como os membros da igreja de Jerusalém viviam em harmonia. “Não havia nenhum necessitado entre eles” (vs. 34). Isso se deve ao fato de que a comunidade cuidava das necessidades espirituais e materiais uns dos outros, pois “se distribuía a cada um conforme a sua necessidade” (vs. 34).

Este viver em comunidade pode ser caracterizado por dois fatores:

Primeiro - tinha uma mentalidade e um propósito em comum, pois era unida na sua devoção ao Senhor.

Segundo - ninguém na comunidade declarava a autonomia de suas posses. Antes, dispunha-se a deixá-los para o emprego da comunidade como um todo.

Estas duas características correspondem, de modo lato, aos dois grandes mandamentos do amor a Deus e do amor ao próximo.

Da mesma maneira que os primeiros cristãos amavam o seu Senhor, eles também amavam a noiva dele, a igreja, doando generosamente o que tinham. Os primeiros cristãos compartilhavam tudo o que tinham uns com os outros, mas não da mesma forma como o fracassado modelo comunista do século XX o fez. Pois aqui não há coação ou envolvimento do estado - apenas cristãos são envolvidos e apenas bens são compartilhados, não a produção deles.

Toda a comunidade se engaja na luta de ajudar materialmente uns aos outros, e os apóstolos proclamam o evangelho de Cristo: “Com grande poder, os apóstolos davam testemunho da ressurreição do Senhor Jesus” (vs. 33). Após os

acontecimentos posteriores à ressurreição, os apóstolos são incapazes de ficar calados, e com intrepidez pregam a ressurreição do Senhor Jesus. Eles se encontraram com Jesus pessoalmente depois de sua ressurreição; Jesus é o Senhor deles, como afirma Lucas. Em obediência ao seu Senhor, os apóstolos testificam da sua ressurreição: “Portanto, toda a casa de Israel esteja absolutamente certa de que a este Jesus, que vocês crucificaram, Deus o fez Senhor e Cristo” (At 2.36).

1 João 1.1-2.2

1 João é tradicionalmente conhecida como uma epístola, mas ela não tem as saudações introdutórias das epístolas cristãs do primeiro século. Além disto, 1 João, assim como Hebreus, não identifica a autoria de maneira explícita. Porém, é amplamente aceito que o evangelista João tenha escrito esta carta, devido as semelhanças no estilo de escrita e no foco teológico com o Evangelho.

João inicia a sua carta, de forma muito parecida com o seu relato do Santo Evangelho, falando do Verbo eterno que sempre esteve com o Pai e que estava com o Pai trabalhando na Criação - o Verbo foi a causa da Criação: “Todas as coisas foram feitas por ele, e, sem ele, nada do que foi feito se fez” (S. Jo 1.3). Porém, na epístola, o ponto central enfatizado por João é que Jesus, o “Verbo da vida” (vs. 1), é o Senhor crucificado e ressurreto, a quem todos os apóstolos haviam visto fisicamente, ouvido e tocado.

João dedica uma grande atenção à divindade de Jesus, sua encarnação, morte salvífica e ministério intercessor. João, também, enfatiza o esplendor de Deus em contraste com a pecaminosidade humana. O nosso orgulho pecaminoso rejeita a Palavra de Deus e procura nos enganar, de tal forma, que podemos não conhecer a nós mesmos como realmente somos e nem conhecer a Deus como ele se revelou. Porém, Deus vê a nossa verdadeira natureza corrompida e, em Cristo, nos revela a sua natureza santa, justa, graciosa e misericordiosa.

São João 20.19-31

Jesus aparece a seus discípulos, comissionando a eles a sua obra e equipando-os com o Espírito Santo. Os cristãos recebem o mais precioso tesouro sobre a terra – o evangelho do perdão –, mas muitas vezes o têm mantido escondido dos outros. Deus ressuscitou Jesus, o grande Pastor das ovelhas, e irá nos equipar com todo o bem para fazer a sua vontade: “o Deus da paz, que tornou a trazer dentre os mortos o nosso Senhor Jesus, o grande Pastor das ovelhas, pelo sangue da eterna aliança” (Hb 13.20).

A lembrança desta aparição do Senhor aos seus discípulos pode muito bem ter algo a ver com o hábito da igreja primitiva de encontrar-se no entardecer do primeiro dia da semana e suplicar a presença dele entre eles com as palavras “Amém! Vem, Senhor Jesus!” (Ap 22.20c).

vs. 19

“Ao cair da tarde daquele dia, o primeiro da semana” - João é bastante específico ao enfatizar que o dia era o primeiro da semana (*um domingo*). O Novo Testamento, em toda parte, ressalta o dia da ressurreição de Cristo como sendo o principal entre os dias da semana.

“Estando trancadas as portas” - As portas estavam travadas com barras. As portas trancadas acentuam a natureza milagrosa do aparecimento de Jesus entre seus seguidores.

“Com medo dos judeus” - Os discípulos temiam ser presos por apoiar uma suposta conspiração de Jesus contra a autoridade imperial de Roma. Os judeus, de quem os discípulos tinham medo, eram, como tantas vezes neste evangelho, as autoridades, especialmente o sistema representado pelos principais sacerdotes. Estas autoridades tramaram para a execução do líder deles (Jesus), então seria relativamente fácil abater seus seguidores se decidissem fazer isso.

“Jesus veio e se pôs no meio deles” - A aparição de Jesus dentro de uma casa trancada indica algo miraculoso. O corpo ressuscitado de Jesus era uma transformação do seu corpo anterior (*corpo glorificado*). Após a sua ressurreição, Jesus manifesta de forma mais completa seus atributos divinos. Assim, embora

ainda completamente humano, ele não permite que barreiras físicas o impeçam de revelar-se aos discípulos.

Lutero (AE 37.66) - O evangelista não diz que eles o viram entrar, mas que “ele apareceu ou se pôs no meio deles”, o que soa como se ele já estivesse lá, oculto, e agora revela-se, como o fez também com Maria Madalena no túmulo, e com todos os quais apareceu.

“Que a paz esteja com vocês!” - A saudação normalmente usada pelos judeus. A vinda de Jesus traz aquela paz que o mundo não pode dar e a alegria que ninguém lhes pode tirar. A saudação aqui feita foi a do Salvador ressurreto. Agora estava realizado o propósito de sua vinda, havia sido removida a inimizade entre Deus e o homem. A paz do Salvador vivo é o conforto e a alegria de todos os cristãos.

vs. 20

“Lhes mostrou as mãos e o lado” - Prova indiscutível de que o Senhor ressurreto, embora aparecendo com um corpo glorificado, é a mesma pessoa que o Cristo crucificado. Jesus fez isso, para provar que não era um fantasma ou espírito desencarnado.

Jesus lhes mostrou as mãos, onde os sinais dos pregos ainda estavam claramente visíveis, e seu lado, onde o golpe de lança do soldado havia deixado um corte profundo. Esta demonstração convenceu aos discípulos.

Lutero (OS 9.369-370) - Assim como, verdadeiramente, ressuscitou precisamente o Cristo, nascido de Maria e pregado na cruz e nenhum outro, conforme mostrou a seus discípulos as cicatrizes em suas mãos e no seu flanco.

“Os discípulos se alegraram ao ver o Senhor” - O aparecimento de Jesus causa uma súbita explosão de alegria. Estiveram felizes que de fato viram ao Senhor. Era o mesmo corpo que estivera preso na cruz.

vs. 21

“Que a paz esteja com vocês!” - Esta paz é a reconciliação com Deus, assegurada por meio da morte e ressurreição de Cristo; não a paz exterior,

mantida política e militarmente. A paz que Jesus estende está relacionada com a paz que Ele promete em 14.27: “Deixo com vocês a paz, a minha paz lhes dou; não lhes dou a paz como o mundo a dá” (S. Jo 14.27).

“Assim como o Pai me enviou, eu também envio vocês” - Cristo da mesma maneira envia os apóstolos sem distinção, quando diz que *“assim como o Pai me enviou, eu também envio vocês”*. Jesus os envia individualmente da mesma forma como ele foi enviado. Por isso a nenhum atribui prerrogativa ou dominação sobre os demais. Assim, a missão do Filho no mundo é confiada a eles, pois Ele está voltando para o Pai.

vs. 22

“Soprou sobre eles” - Assim como Deus soprou a vida quando criou o ser humano. Jesus soprou neles, simbolizando desta forma a transmissão e comunicação a eles do Espírito que habitava nele, e ao qual Ele tinha a autoridade de outorgar.

“Recebam o Espírito Santo” - Assim como o Filho recebera o Espírito em plenitude para o desempenho da sua missão (cf.: S. Jo 1.32-34; 3.34), eles agora o recebem da mesma maneira e com a mesma finalidade.

Tendo ressuscitado, Jesus dá aos discípulos o Espírito Santo. A missão dos discípulos, já anunciada, só será possível com a presença do Espírito Santo. Tendo recebido o Espírito Santo, os discípulos podem lidar com pecados na comunidade cristã. O recebimento do Espírito é aqui ligado com o perdão e a retenção de pecados.

vs. 23

“Se de alguns vocês perdoarem os pecados, são-lhes perdoados; mas, se os retiverem, são retidos” - Foi assim que eles receberam o poder de proferir perdão dos pecados; foi assim que foi instituído o Ofício das Chaves. O perdão de pecados que Jesus conseguiu por meio de seu sofrimento e morte devia ser comunicado e dado às pessoas por meio do anúncio do evangelho, tanto em

público como em particular, às pessoas isoladas e a grandes congregações. Esta é a absolvição de pecados.

Atestam essas palavras que as chaves são dadas igualmente a todos os apóstolos, e que todos os apóstolos são enviados igualmente. Além disso, é necessário reconhecer que as chaves não pertencem a pessoa de determinado homem, porém à Igreja.

vs. 24

“Tomé, um dos doze, chamado Dídimos” - Tomé, amava seu Senhor com verdadeira devoção, como haviam mostrado suas palavras por ocasião da morte de Lázaro em 11.16: “Vamos também nós para morrer com o Mestre!” (S. Jo 11.16b).

“Não estava com eles quando Jesus veio” - Por algum motivo que não é dito, Tomé não estava presente com os demais discípulos quando Jesus apareceu, e por isso não viu o Senhor. Por não estar presente, Tomé perdeu a alegria de ver o Senhor ressurreto, e de ouvi-lo proferir palavras de paz. Tomé perdeu a paz que Jesus concedeu aos discípulos.

vs. 25

“Vimos o Senhor” - A alegria da ressurreição era tamanha, que os discípulos queriam que Tomé soubesse. Eles estavam alegres e animados em terem visto o Senhor. Estavam convictos de sua ressurreição, sabiam que seu Mestre vivia e, por isso, anunciaram essa alegria para o amigo Tomé.

Tomé, entretanto, apegava-se à sua teimosia. Ele era um discípulo muito devoto; era também muito melancólico. Consequentemente, seu mundo caiu quando Jesus foi crucificado. Ele era um dos “mais infelizes deste mundo” (1Co 15.19).

“Se eu não vir o sinal dos pregos [...] de modo nenhum acreditarei” - Em vez de aceitar o testemunho dos outros discípulos, Tomé permanece cético e exige uma prova palpável da ressurreição física de Jesus.

A prova que exigia da ressurreição do Senhor foi da natureza mais abrangente e conclusiva. Não só quis ver o Mestre ressuscitado, não se deu por satisfeito em

meramente olhar as impressões ou marcas em suas mãos onde os pregos haviam sido pregados na carne; ele também quis suportar a evidência de uma impressão com a outra, quis sentir a ferida, para que não fosse enganado por alguma ilusão.

vs. 26

“Passados oito dias” - No domingo seguinte, os discípulos estavam reunidos novamente, nesta ocasião, Tomé estava presente.

“Estando as portas trancadas” - Mesmo os discípulos sabendo que Jesus estava vivo, os discípulos ainda se reuniram com as portas trancadas, pois eles ainda estavam assustados com as autoridades judaicas.

“Jesus veio, pôs-se no meio deles” - Jesus, antes de sua morte, entrava em uma casa como outra pessoa. Após a sua gloriosa ressurreição, Jesus aparece em meio a eles, não entra mais pela porta.

“Que a paz esteja com vocês” - pela terceira vez, Jesus estende a sua paz aos discípulos, inclusive à Tomé.

A aparição de Jesus e sua saudação diante deles são registradas quase da mesma maneira que dá outra vez. Desta vez, porém, Ele tem uma palavra especial a dizer a Tomé, convidando-o a usar seu sentido do tato assim como o da visão, revelando que sabia o que Tomé tinha dito aos outros.

vs. 27

“Ponha aqui o seu dedo e veja as minhas mãos. Estenda também a sua mão e ponha no meu lado” - Jesus graciosamente atende o pedido de Tomé, para seu espanto e, talvez, até mesmo para sua vergonha.

As marcas da crucificação em suas mãos e seu lado, não eram uma ilusão. João queria que os seus leitores soubessem que Jesus havia realmente morrido e que foi ressuscitado. João queria que os seus leitores soubessem que Jesus havia realmente morrido (cf.: S. Jo 19.33-35) e que ressuscitou (cf.: S. Jo 20.5-8). Por isso, Jesus apareceu para os seus amigos mais próximos, para que eles tivessem a inteira convicção que Ele estava vivo (cf.: S. Jo 20.27).

“Não seja incrédulo, mas crente” - Se Tomé aceitou de fato o desafio de Jesus e tocou as marcas dos ferimentos em suas mãos e lado, não nos é relatado. A impressão que se tem é que a simples visão foi o suficiente, que Tomé ficou tão dominado pelo espanto e reverência que imediatamente pronunciou sua confissão.

vs. 28

“Senhor meu e Deus meu!” - Tomé pode ter demorado mais que seus companheiros para crer no Cristo ressurreto, mas quando o fez, sua fé foi expressa em termos que foram bem além daqueles que eles usaram. A confissão de Tomé, esta bela expressão de fé em Jesus como Senhor e Deus, é o ponto alto deste Evangelho.

Tomé exclamou no tom da mais firme convicção: “Senhor meu e Deus meu!”. Sua fé não somente sabe que seu Senhor e Mestre está vivo, está ressuscitado dentre os mortos, mas sabe que este homem é o verdadeiro Deus.

vs. 29

“Você creu porque me viu?” - Tomé não era diferente dos outros discípulos nesta questão; eles também não creram antes de ver; creram uma semana antes de Tomé somente porque viram uma semana antes que ele.

“Bem-aventurados são os que não viram e creram” - A fé é produzida em nós não pelo que vemos, mas “pelo ouvir, e o ouvir, pela palavra de Cristo” (Rm 10.17). Fé que resulta de ver é boa; mas fé que resulta do ouvir é mais excelente. O outro discípulo viu e creu, e Tomé também queria ver para crer. Jesus diz que felizes são os que creem sem ver, isto é, que creem a partir do testemunho de outros.

vs. 30

“Jesus fez diante dos seus discípulos muitos outros sinais que não estão escritos neste livro” - João afirma ter sido seletivo quanto aos seus relatos. Jesus realizou tantos outros sinais de que um livro não poderia conter todos eles. João escreve expressamente que não esgotou a narração dos milagres de Cristo, mas deu um relato só de tantos que são necessários para convencer os leitores do

evangelho e operar em seus corações a fé em Jesus o Cristo, o Salvador, o Filho de Deus.

vs. 31

“Estes, porém, foram registrados para que vocês creiam que Jesus é o Cristo, o Filho de Deus, e para que, crendo, tenham vida em seu nome” - Seu alvo foi provar a divindade de Cristo e por meio desta prova operar convicção nos corações das pessoas, para que pudessem crer e ter por meio da fé a vida eterna, que está em Cristo e é por Cristo dada aos que creem em seu nome: “Quem nele crê não é condenado; mas o que não crê já está condenado, porque não crê no nome do unigênito Filho de Deus” (S. Jo 3.18).

Os milagres de Jesus - em particular a sua ressurreição - provam que Ele é o **“Messias”** e o **“Filho de Deus”**.

O Senhor Jesus crucificado e ressurreto apareceu aos seus apóstolos no primeiro Domingo de Páscoa. “Jesus veio e se pôs no meio deles” e lhes concedeu a sua paz com sua Palavra e chagas nas mãos e no lado (S. Jo 20.19–20). Então os enviou em seu nome como ministros do Evangelho para conceder a nós e toda a sua Igreja o Espírito Santo doador da vida através do perdão dos pecados (S. Jo 20.21-23). Por meio desse ministério apostólico, Jesus nos chama para crer que ele “é o Cristo, o Filho de Deus”, a fim de que, por essa fé, todos “tenham vida em seu nome” (S. Jo 20.31). Os apóstolos viram e ouviram esta vida eterna que se manifestou na carne de Cristo, e aqueles que os sucedem neste ministério apostólico agora proclamam essa mesma Absolvição a todas as pessoas, para que também “tenham comunhão” com o Cristo ressurreto, com os apóstolos e “uns com os outros” (1 Jo 1.1-7). A Igreja una, santa, católica e apostólica vive para “testemunho da ressurreição do Senhor Jesus” e todos os que creem nesta Palavra estão unidos com “o coração e a alma”, pois em Cristo tudo lhes é comum (At 4.32–33).

Rev. David Thom

Jataí-GO